

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

MARIELY GOMES DALMÔNICA

FEITO À MÃO:
HISTÓRIAS DE ARTESÃS DE UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA, 2021

MARIELY GOMES DALMÔNICA

FEITO À MÃO:

HISTÓRIAS DE ARTESÃS DE UBERLÂNDIA

Relatório de Defesa apresentado ao curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanise Hilbig de Andrade

UBERLÂNDIA, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

D148f Dalmônica, Mariely Gomes, 1993-
2021 Feito à mão [recurso eletrônico] : histórias de artesãs de Uberlândia /
Mariely Gomes Dalmônica. - 2021.

Orientadora: Ivanise Hilbig de Andrade.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação
e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5040>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

I. Artesanato. I. Andrade, Ivanise Hilbig de, 1980-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 745

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34)3291-6395 / (34)3291-6396 - ppgce@faced.ufu.br - www.ppgce.faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, número 15/2021/141, PPGCE				
Data:	trinta de agosto de dois mil e vinte e um	Hora de início:	16h00	Hora de encerramento:	17h50
Matrícula do Discente:	11912TCE020				
Nome do Discente:	Mariely Gomes Dalmônica				
Título do Trabalho:	Feito à mão: histórias de artesãs de Uberlândia				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação e circulação de sentidos				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Mediatização e Jornalismo: Processos de Produção e Circulação de Sentidos				

Reuniu-se por web conferência pelo link: <https://conferenciaweb.rnp.br/events/defesa-mestrado-mariely-gomes-dalmonica>, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Alexandre Zarate Maciel - UFMA; Mirna Tonus - UFU; Ivanise Hilbig de Andrade - UFBA, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Ivanise Hilbig de Andrade apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

20/09/2021 21:42

SEI/UFU - 3009713 - Ata de Defesa - Pós-Graduação



Documento assinado eletronicamente por **Mirna Tonus, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/09/2021, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivanise Hilbig de Andrade, Usuário Externo**, em 16/09/2021, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Zarate Maciel, Usuário Externo**, em 20/09/2021, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3009713** e o código CRC **C4544C7C**.

Referência: Processo nº 23117.057698/2021-66

SEI nº 3009713

Dedico o meu livro à minha avó Geralda, que me ensinou a bordar e fez crescer em mim uma paixão que eu nem sabia que poderia existir.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a Deus.

Meus pais, Marisa e Amarildo, por me apoiarem em absolutamente tudo. Sem eles seria impossível chegar até aqui.

Ivanise, minha orientadora, por ter acreditado no meu projeto desde o início e por não ter desistido de mim.

Talita, minha amiga, por sempre me dar tanta força e por ter revisado todos os capítulos do livro.

Lorena, Carol e Amanda por confiarem em mim e por contarem suas histórias.

Reyla e Suellen, que além de compartilharem suas histórias, fizeram um projeto gráfico e uma encadernação incríveis para o livro.

Leo, meu chefe, que quando eu mais pensei em desistir, me mostrou que eu era capaz de fazer um milhão de coisas.

RESUMO

O presente trabalho apresenta o processo de produção do livro **Feito à mão: histórias de artesãs de Uberlândia**. O produto é formado pelo perfil de cinco artesãs residentes na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais: a bordadeira Lorena Tavares, as gêmeas encadernadoras Reyla e Suellen Vilela, a artista de rua Carolina Clemente e a artista plástica Amanda Fonseca. A obra tem como objetivo contar histórias de jovens que escolheram trabalhar com artesanato em pleno século 21.

Palavras-chave: Artesanato. Artesãs. Perfil. Livro artesanal.

ABSTRACT

This work presents the production process of the book **Feito à mão: histórias de artesãs de Uberlândia**. The product is formed by the profile of five artisans residing in the city of Uberlândia, in Minas Gerais: the embroiderer Lorena Tavares, the twin binders Reyla and Suellen Vilela, the street artist Carolina Clemente and the plastic artist Amanda Fonseca. The work aims to tell stories of young people who chose to work with handicrafts in the 21st century.

Keywords: Crafts. Artisan. Profile. Handmade book.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	11
<i>1.1 Memorial Acadêmico</i>	11
<i>1.2 Introdução</i>	14
2 FEITO À MÃO: REFLEXÕES SOBRE LIVRO ARTESANAL E PERFIL JORNALÍSTICO	17
<i>2.1 Livro híbrido e livro artesanal: linguagem e formato</i>	18
<i>2.2 O livro e o mercado editorial na era da cibercultura</i>	27
3 ANÁLISE, PLANEJAMENTO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
<i>3.1 Análise de similares</i>	30
3.1.1 Levantamento de dissertações, teses, artigos e trabalhos publicados	30
3.1.1.1 Portcom	30
3.1.1.2 Google Acadêmico	31
3.1.2 Levantamento de produtos	31
3.1.2.1 Prisioneiras	32
3.1.2.2 Rosa Rendeira: o design gráfico e o artesanato local	34
3.1.2.3 Design + Artesanato: o caminho brasileiro	36
3.1.2.4 Instagram Skills	38
<i>3.2 O uso do Design Thinking no desenvolvimento do produto</i>	40
4 FEITO A MUITAS MÃOS: RELATO DA PRODUÇÃO DO LIVRO	43
4.1 Análise do produto e processo	45
4.2 Exequibilidade e aplicabilidade	47
4.3 Recursos utilizados	47
4.4 Demandas mercadológicas	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – Imagens do livro "Feito à mão"	53

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Memorial acadêmico

O artesanato sempre esteve presente na minha vida, desde o tapete de crochê que está no piso do meu banheiro há anos até o filtro de barro que nunca saiu da cozinha da minha mãe. Em 2015, depois de crescer observando minha avó materna trabalhando com tecidos e linhas, decidi aprender a bordar. Em três dias eu aprendi o ponto mais difícil, na minha concepção, o ponto cruz. Em poucos meses eu praticava o bordado livre, termo moderno utilizado para trabalhos que envolvem diferentes tipos de pontos.

Essa foi uma das primeiras atividades que eu levei adiante durante toda a minha vida. Diferente do teatro, em que eu me dediquei um ano, da Faculdade de Medicina Veterinária, que era meu sonho de infância e que eu cursei apenas um semestre, e do curso de Publicidade e Marketing, que eu tranquei dois anos antes de me graduar, o bordado se tornou algo que deve me acompanhar por muito tempo ainda.

Não foi algo planejado, não era um sonho que eu tracei como meta para aquele ano, era apenas um hobby, que se tornou uma forma de escapar dos problemas e estresse do dia a dia. Aos poucos, o trabalho artesanal deixou de ser algo que eu fazia apenas para me distrair e para presentear amigos e familiares, e se transformou na minha segunda renda. Em 2016, depois de receber diversas sugestões de amigos, decidi criar um Instagram para publicar as fotos dos trabalhos que faço. Eu, desacreditada, não esperava nenhuma encomenda, mas foi tudo bem diferente. Fiz bordados para pessoas de Uberlândia, para gente que vive em outros estados e até para fora do país. Desde que passei a exercer essa atividade, não teve uma semana que eu passei longe dos meus tecidos, linhas e agulhas.

Na mesma época em que comecei a bordar, entrei no curso de Jornalismo. Depois de desistir de duas graduações bem diferentes uma da outra, comecei novamente do zero. Assim como o bordado, no jornalismo eu fui até o fim. Estudei por quatro anos sem pensar em desistir, fiz estágios na área, e me graduei já inserida no mercado de trabalho.

As disciplinas de Jornalismo Opinativo, Fotojornalismo, Jornalismo Impresso e Jornalismo Especializado me fizeram ter certeza de que estava no caminho certo, e também me influenciaram na escolha do tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para ser aprovada no curso de Jornalismo, escolhi falar sobre um tema bastante atual: o feminismo, inserido e debatido de maneira audiovisual em uma série da Netflix, plataforma de *streaming* de filmes, séries e documentários.

O objetivo geral do trabalho “Jessica Jones e o feminismo em uma série da Netflix” foi analisar o discurso político apresentado na série Jessica Jones, lançada em novembro de 2015. Em primeiro lugar, foi realizada uma análise sintagmática do discurso do primeiro e do último episódio da primeira temporada da série, com base na teoria de Christian Metz (1972), autor do livro “A Significação do Cinema”. A segunda etapa do projeto se baseou na análise do discurso político feminista presente nos episódios escolhidos, baseando nas ideias sobre feminismo da escritora Simone de Beauvoir, presente no movimento desde a década de 1940.

Depois de formada, trabalhei como repórter por um ano e meio em um jornal impresso. Minha rotina no veículo fez com que meu interesse pelo jornalismo cultural aumentasse. Lá, vi o quanto eu gostava de conhecer pessoas e contar suas histórias.

Eu tinha duas metas quando me formei, em 2017: fazer mestrado e escrever um livro, sonho que carrego a vida inteira. Em 2018, resolvi juntar os dois objetivos e me inscrevi no processo de seleção para o Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação da UFU. Eu sempre soube que queria transformar alguma história em livro, mas nunca havia parado para pensar sobre o que exatamente eu queria escrever.

Desde que aprendi a bordar, comecei a acompanhar diferentes bordadeiras nas redes sociais e fiquei fascinada ao reparar que a maioria dessas artesãs é jovem e trabalha exclusivamente com bordado livre. A imagem que criei na minha infância de que apenas mulheres mais velhas se dedicavam ao artesanato saiu logo da minha cabeça.

Não demorou muito para descobrir que eu quero mostrar para as pessoas que o artesanato também pode ser uma profissão, como qualquer outra, exercida por jovens. A minha ideia é quebrar o paradigma de idade e compreender porque esses jovens optaram por seguir essa carreira.

Por isso decidi escrever um livro sobre artesanato, mais especificamente, contando a história de jovens¹ artesãs que escolheram a atividade manual como trabalho. Quando trabalhei no jornal impresso, percebi que as histórias que eu contava poderiam ser mais exploradas, mas muitas vezes eram esquecidas rapidamente. Escrever um livro é uma forma de descrever histórias sem um limite de caracteres, e essa foi a minha escolha para deixar minha marca no jornalismo, fazendo algo que será lembrado. Como diz a jornalista Ana Holanda, autora do livro “Como se Encontrar na Escrita”, às vezes desperdiçamos narrativas que poderiam se tornar livros incríveis esperando um ano sabático para começar a escrever (HOLANDA, 2018, p. 60).

¹ Os entrevistados têm idades entre 26 e 34 anos. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha em 2017, pessoas até 37 anos podem ser consideradas jovens no Brasil.

Enquanto escrevia o pré-projeto, me deparei com alguns dados sobre o artesanato no Brasil, que não poderia deixar de citar neste relatório. Como jornalista com experiência em veículo impresso e diário, sei que trabalhar com números é extremamente importante em alguns casos, e para embasar minha pesquisa, resolvi falar (em termos de dados) sobre a presença do trabalho artesanal no país. Segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2014, o artesanato é uma atividade econômica presente em 78,6% dos municípios brasileiros. A prática mais comum na maioria do país é o bordado, realizado em 75,4% dos municípios brasileiros segundo uma pesquisa do órgão feita em 2006.

Quando vi esses dados tive a certeza de que queria passar os próximos anos pesquisando e escrevendo sobre o assunto. Logo quando comecei meus estudos para o mestrado conheci Lorena, uma das personagens do meu livro. Ela é designer e bordadeira, e tinha acabado de “largar tudo” para se dedicar exclusivamente ao trabalho artesanal. Eu desejo contar histórias de pessoas como a Lorena, que tiveram coragem para trabalhar fazendo algo que amam, e na maioria das vezes, de forma autônoma. As outras personagens apareceram na minha vida enquanto eu caminhava com minha pesquisa, e aos poucos vi que meu produto já estava tomando forma. E assim se iniciou a construção do presente trabalho, que em breve se transformará em um livro intitulado de “Feito à mão: histórias de artesãs de Uberlândia”.

Mesmo em momentos em que eu não estava pesquisando livros e artigos sobre artesanato para o projeto, o assunto se tornava presente nos meus dias. Um exemplo foi quando recebi minha edição da revista Vida Simples de maio de 2019. Desta vez não foi o tema da capa que me chamou atenção, mas sim uma reportagem sobre o trabalho artesanal. Intitulado de “Compre de quem faz”, o texto da jornalista Débora Zanelato chegou na hora certa.

Do início ao fim da reportagem, a jornalista fala da importância da valorização do trabalho artesanal, e ainda diz que quando compramos de quem trabalha com artesanato criamos um comércio mais justo e sustentável. “Quando valorizamos o trabalho de quem faz, desenvolvemos uma relação para além de comprador. Num mundo que se torna digital, é nesse contato que recuperamos a nossa humanidade” (ZANELATO, 2019, p. 38).

Durante o mestrado, cursei disciplinas que me ajudaram tanto no embasamento teórico do produto proposto, quanto na parte de seu desenvolvimento. Uma delas, “Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologias”, me fez ter contato com ferramentas mercadológicas que me

ligaram novamente ao Marketing Digital, área que eu havia trabalhado antes de ingressar no jornalismo impresso.

As aulas práticas e teóricas ministradas durante a disciplina fizeram com que meu interesse pelo ofício voltasse à tona, e eu logo estava trabalhando novamente na área. Estar neste mercado enquanto executo meu projeto me dá uma possibilidade maior de trabalhar em um produto esteticamente bem elaborado, além de ter um maior conhecimento para divulgá-lo nas mídias sociais, potencializando tanto o livro quanto os artesãs perfiladas.

1.2 Introdução

O trabalho artesanal é visto muitas vezes como algo desvalorizado, e não como uma atividade que transforma materiais, descartados ou pouco nobres, em um produto feito à mão com grande valor afetivo e, também, de mercado. Em muitos casos, o aprendizado desse tipo de atividade passa de geração a geração e traz uma ideia de herança e identidade. É fato que trabalhos manuais fazem parte da cultura em vários cantos do mundo, e deixam marcas na história e na memória, tanto de quem trabalha com isso, quanto de quem admira e consome o artesanato.

No livro “Design + Artesanato: O caminho brasileiro”, a jornalista Adélia Borges afirma que existem vários indícios de que o trabalho artesanal na sociedade contemporânea está expandindo, diferente do que era pensando há alguns anos, de que a globalização poderia acabar com as expressões culturais locais. “Nessa resignificação, o que passa a contar é a capacidade dos objetos de aportar ao usuário valores que vêm sendo mais reconhecidos recentemente, como calor humano, singularidade e pertencimento. (BORGES, 2011, p.203)

Para Borges (2011), os objetos artesanais são um contraponto do mundo virtual, pois oferecem uma experiência material. Segundo a autora, produtos artesanais são únicos e fogem da uniformidade e padronização dos objetos industriais. “Transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar - e o uso do verbo tocar não é fortuito - o nosso coração, a nossa alma. (BORGES, 2011, p.204 e 205)

Para Machado e Colvero (2017, p. 131), os processos que envolvem a prática artesanal (produção, compra e venda), se encaixam no trio “tradição-modernidade-identidade”. Desta maneira, é notável que este tipo de trabalho pode ser transmitido de pais para filhos, de avós para netos, ou até mesmo ensinado em cursos presenciais ou disponibilizados na internet, e isso influencia na construção da identidade dos artesãos.

Segundo Mascêne e Tedeschi (2010), o trabalho artesanal caminha contra a massificação e a uniformização de produtos globalizados, promovendo um resgate cultural e um fortalecimento da identidade regional. (MASCÊNE; TEDESCHI, 2010, p.8)

De acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2014, o artesanato está presente como atividade econômica em 78,6% dos municípios do Brasil, e cerca de 8,5 milhões de brasileiros garantem o sustento do lar com este tipo de trabalho.

Segundo um estudo feito em 2013 pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), 70% das pessoas que trabalham com artesanato no país são mulheres, 45% tem um site para publicar ou vender os produtos, 57% possui ensino superior completo e 81% têm mais de 40 anos. Mas, e os outros 19% com menos de 40 anos de idade, por que, em pleno século 21, optaram por trabalhar com artesanato, ao invés de seguirem outras carreiras? Este questionamento foi o norte para a pesquisa e desenvolvimento do produto.

Um levantamento realizado em setembro de 2018 pelo Sebrae de Minas Gerais, mostrou que existem 158 microempreendedores individuais cadastrados no Portal do Empreendedor na categoria de artesãos em Uberlândia, fora os trabalhadores informais. Estes 158 representam 3,7% da participação do município nas atividades artesanais do estado.

A ideia de escrever sobre artesanato neste projeto veio principalmente da falta de livros sobre o assunto. A maioria das obras que trata de trabalhos artesanais no mercado tem o objetivo de ensinar uma determinada atividade, como crochê ou bordado, e não aborda a história do artesanato ou de pessoas que vivem dele, por exemplo. Até mesmo durante a elaboração deste projeto foi difícil encontrar bibliografia sobre o tema.

A relevância acadêmica desta pesquisa também se justifica por ser uma temática pouco abordada na área de comunicação. Durante a pesquisa para o planejamento do produto, a maioria dos artigos e trabalhos acadêmicos que se referem ao artesanato como tema principal foi escrito e publicado por estudantes de cursos como Artes Visuais, Design Gráfico e Arquitetura e Urbanismo.

Como foi dito, o artesanato é uma mistura de hábitos, costumes e saberes passados de geração a geração, mas a prática aceita modificações e se readapta ao meio e aos sujeitos (HOBSBAWM; RANGER, 1984, *apud*. MACHADO; COLVERO, 2017, p. 131), ou seja, a atividade caminha entre o rural e o urbano, o tradicional e o moderno.

O trabalho artesanal faz parte da história e é adaptado pelos artistas, que também utilizam meios diferentes de divulgação e vendas, como sites na internet e redes sociais, sem

deixar que a atividade seja “um condutor de resgates dos valores culturais e locais” (KELLER, 2010, *apud*. MACHADO; COLVERO, 2017, p. 134).

Para Barroso (2002), o artesanato vem sendo difundido de variadas formas, e o artesão vê a inovação como uma casualidade e uma consequência natural do fazer. Segundo o autor, o artista que realiza trabalhos manuais,

tem um compromisso inalienável com o seu tempo, de exteriorizar sua visão específica do mundo que o cerca, o mais imune que possa às influências de qualquer natureza. Um artesão-artista, dentro do conceito aqui proposto é aquele que tendo conquistado as condições expostas decide produzir coisas úteis, seriadas, acessíveis a um maior número de pessoas, porém sem abrir mão da permanente experimentação (BARROSO, 2002, p. 10).

Barroso ainda afirma que “quem compra artesanato está comprando também um pouco de história. Nem que seja a sua própria história de viagens e descobertas” (BARROSO, 2002, p. 10).

Com base na questão norteadora, o objetivo geral do presente trabalho foi produzir um livro, em formato artesanal, com perfis e textos biográficos sobre jovens que escolheram trabalhar com artesanato em Uberlândia. Para atingir esse objetivo, também foram listados alguns objetivos específicos, são eles: contar histórias de pessoas que trabalham com artesanato, função muitas vezes desvalorizada; enaltecer a cultura e o artesanato local; ampliar o referencial bibliográfico sobre artesanato e sensibilizar o leitor com uma abordagem humanizada sobre os artesãos, suas vidas, rotinas, técnicas.

O presente relatório é dividido em cinco partes. A primeira contempla a apresentação do trabalho e é separada em memorial acadêmico e introdução. A segunda apresenta os conceitos teóricos utilizados no trabalho. A terceira expõe os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do produto. Na quarta é apresentada a descrição e análise do produto final. A quinta e última parte do relatório traz as considerações finais, seguida das referências bibliográficas e apêndice.

2 FEITO À MÃO: REFLEXÕES SOBRE LIVRO ARTESANAL E O PERFIL JORNALÍSTICO

Em 2011, Adélia Borges (2011, p.22), publicou que o termo “artesanato” não estava presente nos dicionários brasileiros como uma atividade que requer qualificação profissional e treinamento específico. Em sua obra, a autora cita que encontrou apenas o conceito de artesão no *Le Grand Robert de la Langue Française*, popular dicionário francês. No dicionário, a palavra é remetida a alguém que “exerce uma técnica tradicional, uma ocupação manual que exige qualificação profissional, e que trabalha por conta própria, frequentemente com a ajuda da família, de companheiros, de aprendizes, etc” (BORGES, 2011, p. 22).

Alguns anos após a publicação de Borges (2011), em 2020, o termo “artesanato” se tornou presente em alguns dicionários. No Michaelis, da Editora Melhoramentos, a palavra está definida como uma técnica de trabalho manual realizada por um artesão, um método de trabalho que alia utilitarismo à arte, um conjunto de peças de determinada produção artesanal, e até mesmo um conjunto de artesãos de um lugar, região ou época. (BORGES, 2011, p. 22).

Ainda assim, a afirmação da autora de que a pouca popularidade do termo está relacionada ao preconceito continua atual, embora com alguns indicativos de ressignificação. “Há um forte preconceito que atribui uma conotação de inferioridade às coisas feitas à mão e uma conotação de superioridade às coisas projetadas pelo intelecto” (BORGES, 2011, p. 221). No entanto, para a autora, trata-se de um importante meio de representação da identidade de um povo. “Através dele, não só os materiais e as técnicas, mas também os valores coletivos são fortemente representados” (BORGES, 2011, p. 221).

De acordo com Carlos José Costa Pereira, o artesanato pode ser considerado “um complexo de atividades de natureza manual, através das quais o homem manifesta a criatividade espontânea” (PEREIRA, 1979, p.21), a partir do qual o artesão deve ter “compromisso com o seu tempo, de exteriorizar sua visão específica do mundo que o cerca” (MASCÊNE; TEDESCHI, 2010, p.17).

Outra noção importante para este trabalho é o de produtos artesanais. Em sua obra, Borges (2011) cita uma definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre o assunto. De acordo com a Organização, os produtos artesanais

são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente à mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do

produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social” (UNESCO, 1997, *apud* BORGES, 2011, p. 21).

Como define Eduardo Barroso Neto (2002), produtos artesanais podem se atualizar e modernizar, “porém sem descaracterizar ou se afastar de seus valores tradicionais e de sua história, pois alguns desses processos de produção são ancestrais e devem ser preservados, mesmo que apenas como testemunho vivo da cultura” (BARROSO, 2002, p.10).

Sem deixar os valores tradicionais de lado e respeitando o tempo de criação e produção das peças artesanais, os artesãos precisaram se aliar à tecnologia, assim como muitos outros profissionais. Este é um dos objetivos das histórias a serem contadas no livro: mostrar como artesãos modernizaram os trabalhos manuais, sejam eles bordados, pinturas ou crochês, sem deixar de preservar a história, a identidade e a memória, que muitas vezes é passada de geração em geração.

A partir dessa ideia de artesanato e de produtos artesanais, articula-se, neste capítulo, os conceitos de livro, de livro híbrido e artesanal e de perfil jornalístico. Tais noções fundamentam a elaboração do livro “Feito à mão: histórias de artesãs de Uberlândia”. O conceito de livro híbrido trabalhado nesta pesquisa engloba, por um lado, a discussão sobre sua produção e impressão de maneiras artesanais e, por outro, uma reflexão sobre o seu fazer. Para este segundo aspecto, buscou-se nas Teorias do Jornalismo as reflexões sobre jornalismo literário, jornalismo cultural, livro-reportagem, grande reportagem, perfil e escrita criativa como forma de pensar os métodos de apuração, entrevista, redação e edição dos textos. Ao final deste capítulo, realiza-se uma breve discussão sobre o lugar do livro físico perante o mercado editorial na era da cibercultura

2.1 Livro híbrido e livro artesanal: linguagem e formato

Assim como as bordadeiras passaram a trabalhar com bordado livre ao invés do ponto cruz, por exemplo, as editoras de livros híbridos são bem diferentes das tradicionais. Os livros híbridos são obras que unem às suas histórias "elementos gráficos como imagens, recortes, tipografias variadas entre outros, tentando criar uma experiência mental e também visual" (FERREIRA, 2017, p.14).

Segundo Ferreira (2017), o livro híbrido cria uma nova forma de leitura agregando conteúdo narrativo com elementos visuais, "incentivando o leitor a interagir de outra forma com o livro, fazendo com que tenha a oportunidade de conhecer mais sobre a sua narrativa de uma forma interativa" (FERREIRA, 2017, p.21).

Mesmo que o termo "livro híbrido" já esteja presente no mercado de trabalho e em algumas pesquisas acadêmicas, ainda são conhecidos como um fenômeno insuficientemente explicado, "porque apesar do seu reconhecimento, a sua definição ainda continua em construção, não tendo sido encontrado um significado definitivo" (SADOKIERSKI, 2010 *apud* FERREIRA, 2017, p.21).

Um livro híbrido também é geralmente um livro feito de forma artesanal. E assim como no artesanato em geral, a prática editorial aliada à prática artesanal segue por uma lógica contrária à da maioria das editoras, que muitas vezes dificultam os processos editoriais e trabalham com produção padronizada e em massa. De acordo com Rosa (2014 *apud* SANTANA, 2017), algumas editoras optam por processos produtivos artesanais não apenas por ser uma alternativa financeiramente viável, mas também pela preferência de variados autores e editores no resultado do livro produzido nesses moldes.

Um livro artesanal é identificado por caminhar entre a experimentação e improvisação, e além de explorar a narrativa, também descobre as potencialidades poéticas, estéticas e formais de sua estrutura segundo Contreiras (2017). Para a autora, no fazer artesanal residem tanto questões formais e estéticas como criativas e profissionais (CONTREIRAS, 2017, p.845).

Livros artesanais costumam ser feitos em pequena escala e não em grandes editoras, segundo Rosa (2014 *apud* SANTANA, 2017). E mesmo que o livro artesanal aparentemente caminhe contra a midiaticização digital, ele, por outro lado, foge da lógica tradicional das publicações por ser um produto que apresenta diferentes possibilidades estéticas e experimentais, tanto de materiais quanto de processos (ROSA, 2014 *apud* SANTANA, 2017, p.16).

Para Goulart (2016 *apud* SANTANA, 2017), a parte física de um livro é o primeiro contato do leitor com a obra e o desencadeador da leitura.

O sujeito-leitor utiliza-se das sensações que a obra impressa pode lhe oferecer. O objeto-livro, em sua materialidade, insinua ao leitor determinadas posturas, escolhas e usos distintos, e isso se processa porque "antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas" (GOULART, 2016 *apud* SANTANA, 2017, p.15).

Segundo Creni (2013 *apud* SANTANA, 2017), o livro artesanal tem a finalidade de trabalhar com um processo de construção e montagem manual, e vai além de apenas produzir um livro físico. O processo de construção de um livro artesanal é mais demorado, porque boa parte da obra, ou mesmo ele todo, é feito à mão, com modos alternativos que demandam um tempo diferenciado do livro convencional. (SANTANA, 2017, p.42). Tais noções inspiraram este projeto, a fim de criar um livro que, além de apresentar um conteúdo sobre os artesãos, também tenha um formato e modo de produção artesanais.

De acordo com Santana (2017), “este modo de produzir livros requer um esmero, um cuidado muito singular que se reflete nestas obras, e que proporciona para este meio uma intensidade que ultrapassa a literatura e quase não cabe no suporte de leitura” (SANTANA, 2017, p.21).

No Brasil, diversos livros são publicados por editoras que trabalham exclusivamente com publicações híbridas e artesanais. A Grafatório², uma associação cultural sem fins lucrativos, com sede em Londrina – PR, é uma delas. Conhecida como um coletivo de pesquisadores, designers e artistas visuais, a associação é focada em produções gráficas de livros que utilizam diferentes objetos manuais e analógicos, como prensas, mimeógrafo de carbono, máquinas de escrever e câmeras fotográficas.

² <https://grafatorio.com/site/>



Vou Lá e Faço: Vida-Obra de Oswaldo Diniz – Felipe Melhado, Gabriel Daher e Teixeira Quintiliano (Fonte: Grafatório)

Com uma tiragem de apenas 600 exemplares, o livro híbrido "Vou Lá e Faço: Vida-Obra de Oswaldo Diniz" foi impresso em papéis diferentes, como o papel reciclado e o papel de carta, dos tradicionais livros que compramos de grandes editoras. Segundo a própria editora, o texto do livro é um perfil biográfico com toques ensaísticos. A capa conta com uma impressão artesanal em serigrafia, um processo de impressão totalmente manual.



Um bom poema - Guilherme Caldas/Paulo Leminski (Fonte: Estúdio Invertido)

“Um bom poema” é um dos livros lançados pelo Estúdio Invertido. Seguindo o formato de uma fita k7 e baseado em uma poesia de Paulo Leminski, a peça foi totalmente impressa em serigrafia e encadernada manualmente. O livro também é acondicionado em uma caixa de acrílico das tradicionais fitas, com o objetivo de simular uma mixtape.

Assim como os exemplos citados acima, o livro “Feito à mão: histórias de artesãs de Uberlândia” é entendido como uma obra híbrida, em termos de formato e linguagem, trazendo como conteúdo perfis jornalísticos de artesãs que atuam na cidade mineira de Uberlândia. Foram utilizados do Jornalismo algumas orientações para o processo de produção do livro, especialmente para apuração, realização de entrevistas e redação. São eles: livro-reportagem, perfil, jornalismo literário e jornalismo cultural.

Um livro-reportagem pode ser um compilado de reportagens, ou pode ter surgido de uma única grande reportagem. De acordo com Lima (2009), a reportagem é a ampliação de uma simples notícia, e a grande-reportagem permite um mergulho ainda maior nos fatos, “oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o lead e as pirâmides já mencionadas” (LIMA, 2009, p. 18). Segundo Bruno Ravanelli Pessa (2009), um livro-reportagem é atemporal e dedica-se a histórias reais.

O livro-reportagem avança no tempo histórico, “ressuscitando” o pretérito, que ganha sobrevida e é reatualizado em seus significados. Tais procedimentos aproximam o jornalismo praticado no livro-reportagem da história, o que não acontece de forma acidental, pois o exercício do jornalismo literário estampado no suporte livro está sempre aberto ao diálogo e apropriação de recursos das ciências humanas e sociais (PESSA, 2009, p. 3).

O livro-reportagem permite que passado e presente sejam conectados, e que histórias sejam eternizadas para o futuro. Segundo Lima (2009), esse tipo de livro pode ser sempre considerado contemporâneo.

De acordo com Eduardo Belo (2006), as histórias contadas em livros-reportagem devem ser dominadas por quem as escreve. “Não se trata de uma memorização detalhada, mas sim da compreensão do tema e do encadeamento dos fatos. Quem entende todo o processo é capaz de descrevê-lo melhor” (BELO, 2006, p. 119). Segundo Lima (2009), em trechos específicos, os livros-reportagem podem ser entendidos como histórias de vida, realçando o aspecto de humanização (LIMA, 2009, p. 115).

Um livro pode ser refletido, assim, pelo “(...) valor simbólico que ele carrega enquanto rede de significados que são despejados em quem o possui. Por isso ele é um objeto especial” (LEMOS, 2018 apud BARROS; ROSA, 2019, p. 124).

Lima (2009) classifica o livro-reportagem em diferentes grupos, um deles é o livro-reportagem-perfil, formato adotado para o presente trabalho. Como define o autor, trata-se de uma “obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (LIMA, 2009, p.51). Esta é exatamente a proposta do livro “Feito à mão”, relatar histórias de pessoas jovens que decidiram se dedicar ao trabalho artesanal em um mundo tão tecnológico.

Ainda de acordo com Lima (2009), os textos biográficos retratam um indivíduo “como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias” (LIMA, 2009, p. 427).

Sérgio Vilas Boas (2003), afirma que os perfis devem “revelar os bastidores da matéria tanto quanto as impressões pessoais sobre o personagem” (VILAS BOAS, 2003, p.10), se preocupar com a existência do outro e “tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem” (VILAS BOAS, 2003, p.14).

Segundo Cremilda Medina (2003), pesa para o leitor de uma narrativa o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida. “De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano” (MEDINA, 2003, p. 52).

Ainda de acordo com Medina (2003), a maioria dos leitores rejeitam cargas conceituais e quadros puramente estatísticos. “Manifestam claramente a preferência pela informação humanizada, vivida, exemplificada na cena cotidiana e protagonizada pelos heróis da aventura contemporânea” (MEDINA, 2003, p. 53).

É comum que um livro incorpore elementos de diferentes especialidades do jornalismo. Por exemplo, de acordo com Daniel Piza (2004), o jornalismo cultural está cada vez mais se expandindo para os livros, muitas vezes acompanhado de projetos de reportagem, encontrando-se, assim, com outro tipo de fazer jornalismo, o literário, especialidade muito usada em obras que relatam histórias reais (PIZA, 2004, *apud* SOUZA; LUÍNDIA, 2011, p. 2).

Piza (2004) afirma que o gênero jornalismo cultural “descobriu a reportagem e a entrevista” na virada do século XX (PIZA, 2004, p.19), e logo após se expandiu para os livros.

Coletâneas de ensaios e críticas são mais corriqueiras, assim como projetos de reportagem feitos diretamente para livros. Muitos jornalistas têm se dedicado a escrever biografias, gênero que teve um *boom* editorial a partir da década de 1980. E a história cultural, nos mais variados formatos, desde biografias de cidades até relatos de encontros intelectuais, continua ganhando bastante espaço (PIZA, 2004, p. 30).

Mesmo que esses gêneros aplicados ao jornalismo utilizem métodos como entrevistas, pesquisas e coletas de dados, ele também usufrui de elementos literários durante a construção do texto (SOUZA; LUÍNDIA, 2011, p. 1).

O jornalismo literário se aplica tanto para textos escritos em periódicos quanto para livros e, segundo Lima (2009), é a modalidade que melhor utiliza o potencial do livro-reportagem. Para o autor, o jornalismo e a literatura “combinam-se, adequam-se, agregando conteúdo sólido e narrativa poderosa” (LIMA, 2009, p. 351).

Segundo Felipe Pena (2006), o jornalismo literário é como uma “linguagem musical de transformação expressiva e informacional” (PENA, 2006, p. 21).

De acordo com Lima (2009), “onde há pessoa humana, pode haver uma história maravilhosa a ser contada, mesmo que os primeiros indícios sejam desestimulantes” (LIMA, 2009, p. 361), e essa é uma das funções do jornalismo literário.

A humanização que se procura em jornalismo literário, colocando-se as pessoas como eixo da narrativa, encontra guarida bastante apropriada no livro-reportagem. É o fator humano que me permite, enquanto autor, abordar narrativamente qualquer tema da aventura do homem na Terra - também agora no espaço sideral -, mesmo que pareça a princípio árido, de difícil tratamento literário, ou de baixo interesse jornalístico (LIMA, 2009, p. 361).

O presente trabalho recorre, assim, a essas modalidades jornalísticas, principalmente o perfil, porque busca construir um texto em que tanto o escritor quanto o leitor vivenciem as histórias de jovens artesãos ou até mesmo sintam-se representados por suas experiências. O objetivo é utilizar o livro para contar histórias que remetam à cultura e à memória, satisfazer demandas mercadológicas, divulgar o trabalho artesanal local e difundir o artesanato como uma atividade atemporal, ou até mesmo moderna, e cultural. Como define Pisa, a cultura está em tudo, “é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens” (PIZA, 2004, p. 7).

Compreendemos, ainda, que a produção e escrita de um livro vai muito além da técnica. É preciso dar atenção também à forma de realizar entrevistas e transformá-las em histórias. Histórias escritas de maneira mais humana, afetuosa e criativa.

Ana Holanda (2018) explica que a escrita afetuosa é algo que funciona mais como uma relação do que como uma técnica. Para a autora, é necessário vivenciar e não apenas teorizar o que se está escrevendo. “São os mergulhos (ou textos) mais profundos que mais encontram o outro. A escrita pressupõe intensidade, como a vida” (HOLANDA, 2018, p.30). O nível de distanciamento entre o leitor e o escritor deve ser mínimo e o texto, seja um livro ou uma reportagem, deve funcionar como uma conversa.

De acordo com a autora, por mais que a escrita seja um lugar amplo e cheio de possibilidades, devemos evitar usar termos muitos técnicos e números quando estamos falando de escrita afetuosa (HOLANDA, 2018, p. 104). “A escrita que abraça, acolhe, encontra uma quantidade maior de pessoas não é aquela cheia de palavras inatingíveis, mas a que todos têm a capacidade de compreender” (HOLANDA, 2018). Por mais que estejamos acostumados com algumas regras, às vezes é necessário quebrá-las. “Muitas vezes, sem perceber, nos colocamos na posição de quem não escolhe um caminho ditado por si mesmo, mas pelo outro. Com a escrita acontece igualzinho” (HOLANDA, 2018, p.134).

Para Holanda (2018), é possível escrever afetosamente sobre qualquer tema, até mesmo sobre uma chacina. Em seu livro, a autora cita o premiado texto sobre o “Fofão da Augusta”, escrito pelo jornalista Chico Felitti em 2017, como exemplo. A grande reportagem, que leva ao menos uma hora para ser lida e que mais tarde se transformou em um livro sobre um conhecido morador de rua de São Paulo, apelidado de Fofão da Augusta, foi publicada em

um site onde os leitores estavam acostumados com textos curtos e rápidos, mas prendeu atenção de diversos leitores quando foi publicada (HOLANDA, 2018, p.144). Segundo a jornalista, o texto pega o leitor pela mão e o leva para um “universo ao qual você provavelmente também não iria, o das figuras desconhecidas que transitam pela cidade (...) o autor vai revelando as histórias aos poucos, assim como na vida” (HOLANDA, 2018, p.145).

2.2 O livro e o mercado editorial na era da cibercultura

Segundo Barros e Rosa (2019), mesmo com o surgimento do *e-book* e com diversas especulações de que o livro impresso iria desaparecer, o clássico formato ainda se manteve firme no mercado (BARROS; ROSA, 2019, p. 134). “Não é de fato a migração que está em “jogo”, mas explorar um determinado conteúdo e a sua melhor adequação a formas de acesso” (BARROS; ROSA, 2019, p. 134). Para as autoras, o livro em formato físico não desapareceu, apenas se adequou às demandas que surgiram.

De acordo com Carrière e Eco, provavelmente, o livro nunca deixará de existir, afinal, somos capazes de ler um texto impresso há cinco séculos. (CARRIÈRE; ECO, 2010, p. 24)

Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher (...) O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam de papel. Mas ele permanecerá o que é. (CARRIÈRE; ECO, 2010, p. 16 e 17)

O *e-book* surgiu junto com a era da cibercultura, que se instalou com a chegada dos anos 2000, na qual todos poderiam produzir conteúdo e ser lido por alguém. “Novas relações são estabelecidas no processo de produção e de leitura, e o livro, mais uma vez, faz parte e acompanha as mudanças” (BARROS; ROSA, 2019, p. 129).

De acordo com as autoras, os leitores e consumidores estão mais envolvidos com as publicações de livros atualmente. Para Barros e Rosa (2019), antes o leitor era apenas um receptor que consumia o que encontrava pronto no mercado, mas hoje existem aqueles mais imersivos e participativos, que interagem com o produto e que podem produzir e publicar conteúdo a partir de um livro que leu (BARROS; ROSA, 2019, p. 133). A autopublicação é um fenômeno característico da cibercultura e vem se tornando cada vez mais forte nos últimos anos, segundo as autoras.

Para Barros e Rosa (2019), a preferência por livros impressos ainda é maior em relação aos e-books. Segundo Maria Fusco (2008), as pessoas querem comprar livros, mesmo que o conteúdo possa ser obtido em outro lugar e em outro formato. “Um livro fornece estruturas de conteúdo, mas também constrói laços sociais relevantes com o seu criador, bem como com o seu leitor” (FUSCO, 2008 apud FERREIRA, 2017, p14).

De acordo com uma pesquisa citada por Barros e Rosa (2019), realizada pela Nielsen, nos Estados Unidos houve um crescimento de 1,3% em comparação a 2017 para compra individual de livros impressos. Esse crescimento vem ocorrendo desde 2013 (NOS EUA, 2019 apud BARROS; ROSA, 2019, p. 140).

No Brasil, a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em 2017, mostrou que um terço das editoras brasileiras não investiam em livros digitais e que “o faturamento apurado com a venda de *e-books* não passava de R\$ 45 milhões, o que representava na época 1,09% do tamanho total do mercado” (POR TRÁS, 2020).

Com base nestes dados, é notável que a demanda por livros impressos ainda é alta no mercado. Para Barros e Rosa (2019), o livro deve acompanhar as mudanças sem medo e se beneficiar com o uso da tecnologia para continuar avançando (BARROS; ROSA, 2019, p. 141).

Por mais que o futuro, e o presente, sejam digitais, é um absurdo declarar que o livro impresso esteja morto, segundo Darton (2009 apud FERREIRA, 2017, p21). De acordo com o autor, “teremos que inventar novas formas em que o livro digital e o livro analógico se complementam” (DARTON, 2009 apud FERREIRA, 2017, p21).

De acordo com Chartier (2002), esse novo suporte de escrita não significa o fim do livro ou a morte do leitor, mas sim o contrário.

Porém, ele (livro digital) impõe uma redistribuição dos papéis na “economia da escrita”, a concorrência (ou a complementariedade) entre diversos suportes dos discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos. (CHARTIER, 2002, p. 117)

A fim de complementar ainda mais o projeto e caminhar junto com as novas tecnologias digitais, além da produção do livro híbrido impresso e do livro digital, também será realizado um trabalho de divulgação no Instagram após a banca de defesa, uma das

maiores redes sociais da atualidade, segundo informações do site We Are Social⁴. A rede social se tornou muito presente durante a realização do projeto, principalmente devido a uma disciplina oferecida no curso, sobre análise de mídias sociais. Durante o semestre estudei as redes sociais de uma das personagens do livro, Amanda, e me aprofundi ainda mais no assunto.

Lançado em outubro de 2010 como uma mídia social para a publicação de fotos quadradas exclusiva para o sistema iOS, da Apple, o Instagram se tornou uma das mídias sociais mais conhecidas e utilizadas na atualidade, em outubro de 2020, atingindo a marca de 1,16 bilhão de usuários ativos por mês.

De acordo com Brambilla (2011), as mídias sociais são um conjunto de novas tecnologias de comunicação mais rápidas e populares, nas quais não estamos só concentrados, mas também difundindo informações.

Para Silva e Stabile (2016), a internet e as mídias sociais são ferramentas que ajudam “a impulsionar o engajamento e o relacionamento entre as empresas e usuários” (SILVA; STABILE, 2016, p.119). De acordo com os autores, o uso correto das mídias sociais e o conhecimento de mercado permite que as empresas conheçam o público e utilizem conhecimento para planejar e direcionar as estratégias de marketing e vendas.

Ainda segundo Silva e Stabile (2016), a criação das mídias sociais fez com que a aproximação do consumidor com a marca se tornasse um processo fácil, mas “não basta que as marcas apenas se posicionem de forma ativa, elas precisam também dar ouvidos, promover diálogos e processar os feedbacks” (SILVA; STABILE, 2016, p.119).

Com base nestes dados, verifica-se a importância do Instagram para a divulgação do livro, visto que grande parte dos entrevistados também está presente na mídia social divulgando e vendendo seus trabalhos. Na página do Instagram, que já foi criada e leva o nome de @livrofeitoamao, serão divulgadas fotos e trechos da obra, com o objetivo de fomentar o interesse dos seguidores pela leitura do livro.

⁴ De acordo com um levantamento divulgado pelo Instagram, a mídia social conquistou 1,16 bilhão de usuários ativos em outubro de 2020.

3 ANÁLISE, PLANEJAMENTO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 *Análise de similares*

3.1.1 Levantamento de dissertações, teses, artigos e trabalhos publicados

Durante a primeira etapa da pesquisa de pré-produção e planejamento do livro, foi realizado um levantamento em bancos de dados que são referência em trabalhos na área da comunicação, o Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom) da Intercom e a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). O Google Acadêmico também serviu como suporte para a pesquisa.

Na plataforma da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) os termos “artesanato”, “artesanato brasileiro”, “livro-reportagem”, “jornalismo literário” e “jornalismo cultural” foram pesquisados nos anais de 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019. Porém, não foi encontrado nenhum trabalho relacionado a estas palavras-chaves nos últimos anais.

3.1.1.2 Portcom

No Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom) da Intercom, também foram pesquisados os termos “artesanato”, “artesanato brasileiro”, “livro-reportagem”, “jornalismo literário” e “jornalismo cultural”. Foram encontrados apenas 17 resultados a partir da busca da palavra-chave “artesanato”, e só dois deles se aproximaram da temática do presente trabalho.

O primeiro deles, “Central de artesanato Branco e Silva: Contribuindo para fomentar o artesanato no Amazonas”, foi publicado em 2013. O artigo, escrito por uma aluna do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (UFA), abordou a Central de Artesanato Branco e Silva, espaço cultural da cidade, e apresentou as características do artesanato amazonense, com o objetivo de fomentar o artesanato local.

O segundo artigo, “Mulheres da Palha: documento de uma vida no artesanato”, publicado em 2012 por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), mostra o processo de um documentário que teve como objetivo dar visibilidade às mulheres artesãs da palha de carnaúba, residentes de um bairro da periferia de Juazeiro do Norte, no interior do Ceará.

Nenhum resultado referente aos termos associados “artesanato brasileiro”, “livro-reportagem”, “jornalismo literário” e “jornalismo cultural”, similares à presente pesquisa, foram encontrados no Portcom. A pesquisa foi feita nos anais do congresso, entre os anos de 2012 e 2019.

3.1.1.3 Google Acadêmico

No site de buscas Google Acadêmico também foram pesquisados os termos “artesanato”, “artesanato brasileiro”, “livro-reportagem”, “jornalismo literário” e “jornalismo cultural”. Em relação à palavra-chave “artesanato”, apenas dois artigos, encontrados nas primeiras cinco páginas, dialogaram com o tema proposto.

O texto “Afinal, que é artesanato?”, publicado em 2013 na Revista Segunda Pessoa, descreve o que é o trabalho artesanal, diferencia o conceito de artesanato da arte, e fala sobre a inserção da atividade no mercado de trabalho.

O artigo “Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário” foi publicado em 2011 no Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional e trata o trabalho artesanal como meio de comunicação da memória e representação do cotidiano.

Em relação ao termo “jornalismo literário”, apenas um artigo pesquisado era similar ao tema. Publicado no periódico Estudos em Jornalismo e Mídia em 2009, o artigo “Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada” aborda a teoria de livro-reportagem. A publicação conta brevemente a história do Jornalismo Literário e traz exemplos de livros-reportagem que marcaram a literatura e o jornalismo ao longo dos anos.

Os termos “artesanato brasileiro”, “livro-reportagem” e “jornalismo cultural”, também utilizados durante a pesquisa no Google Acadêmico, não trouxeram nenhum resultado relevante ao trabalho.

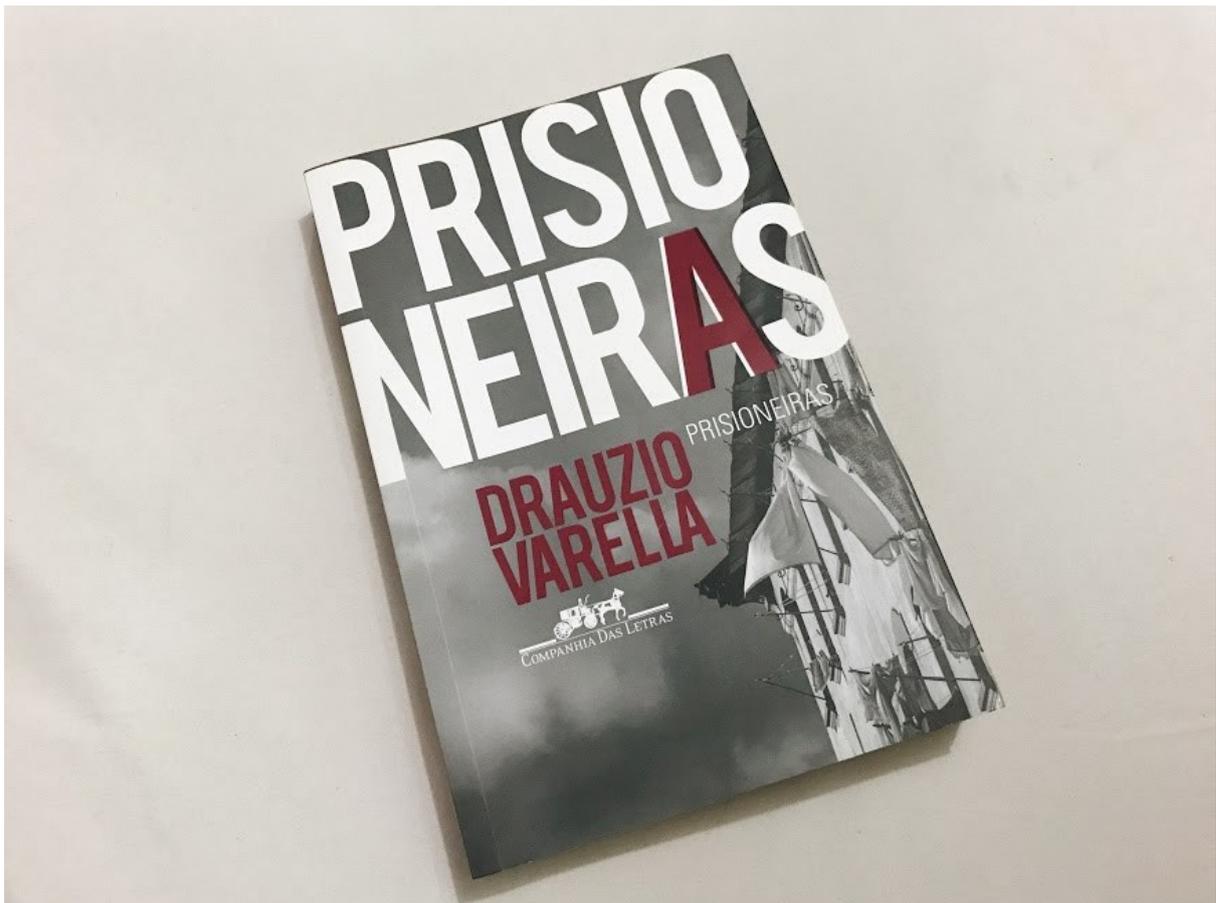
3.1.2 Levantamento de produtos

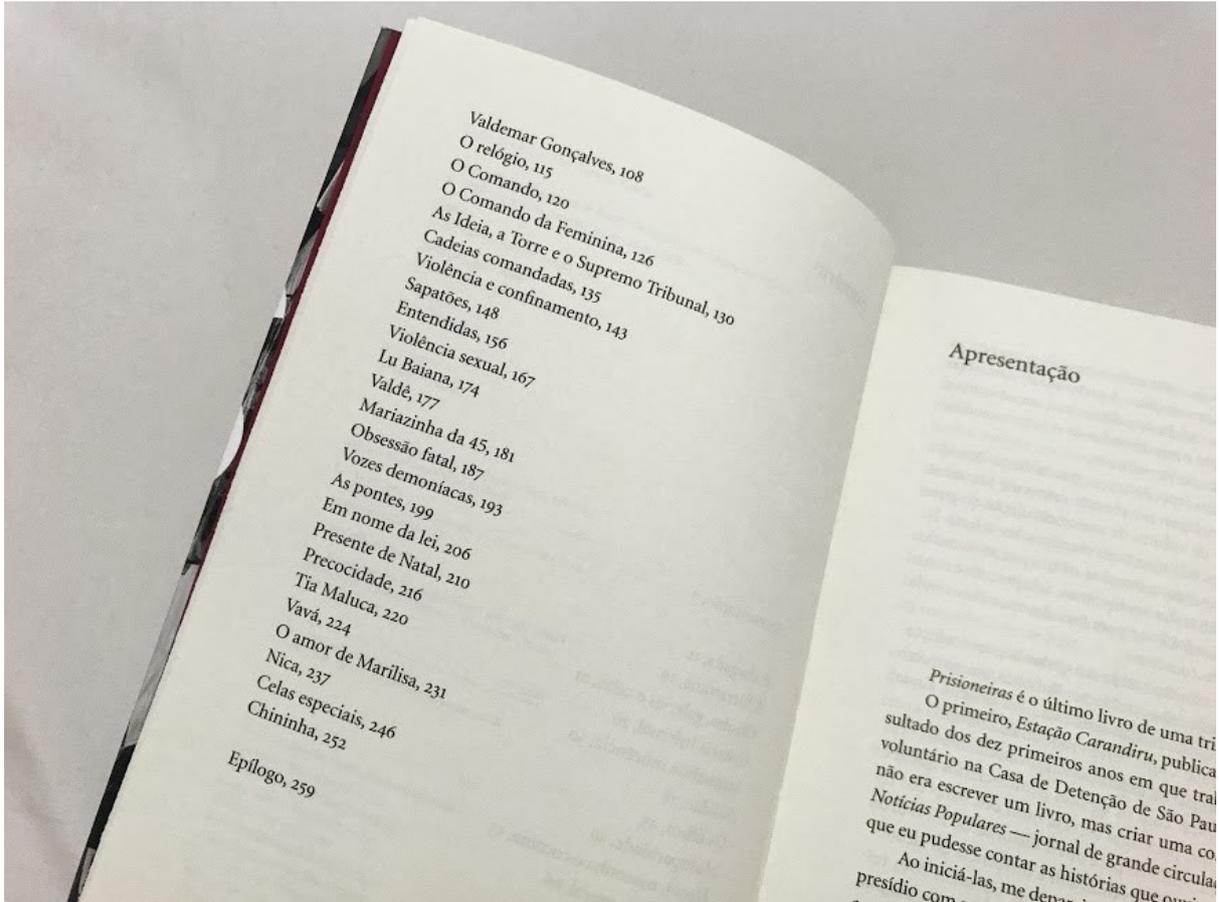
Além do levantamento de publicações e artigos similares sobre os temas do trabalho, também foi feita uma análise de produtos similares ao proposto, um livro com histórias de artesãos. Para a análise, quatro livros foram selecionados.

3.1.2.1 Prisioneiras

“Prisioneiras” (2017), o terceiro e último livro da trilogia sobre o sistema carcerário, escrito pelo médico Draúzio Varella, foi escolhido como um dos similares por ser um livro que se encaixa na linguagem de jornalismo literário, conceito abordado anteriormente. A obra foi escrita ao decorrer de dez anos em que o escritor trabalhou como voluntário na Penitenciária de São Paulo.

O livro de Varella conta as histórias sobre o dia a dia na penitenciária, e mesmo não sendo exclusivamente perfilado, relata a trajetória de mulheres detentas com as quais ele conviveu durante o período. No decorrer da obra o médico também se insere na história, assim como foi feito no presente trabalho, com o objetivo de trazer mais humanização e sensibilidade durante a leitura.





Fotos: Mariely Dalmônica (Fonte: arquivo pessoal)

3.1.2.2 Rosa Rendeira: o design gráfico e o artesanato local

Escrito e diagramado por Samuel Bruno Furtado durante o curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará (UFC), o livro-objeto “Rosa Rendeira: O design gráfico e o artesanato local” (2017) conta duas histórias paralelas: o artesanato local do Ceará e a trajetória da avó do autor no artesanato.

Além da narrativa, o produto também promove uma experiência tátil, possui um formato sanfonado e é revestido por tecido. A estampa do tecido utilizada nos livros impressos também foi variada, carregando um toque único e artesanal para cada exemplar. Além de contar histórias de artesãos, o presente trabalho também teve o objetivo de levar uma experiência artesanal ao leitor.

Entre todos os produtos similares escolhidos, este livro é o que mais se aproxima do que foi apresentado na conclusão do presente projeto. Tanto a diagramação dinâmica, quanto a encadernação artesanal em tecido, também serão características presentes no livro sobre artesãos.





Fotos: Samuel Bruno Furtado (Fonte: Behance)

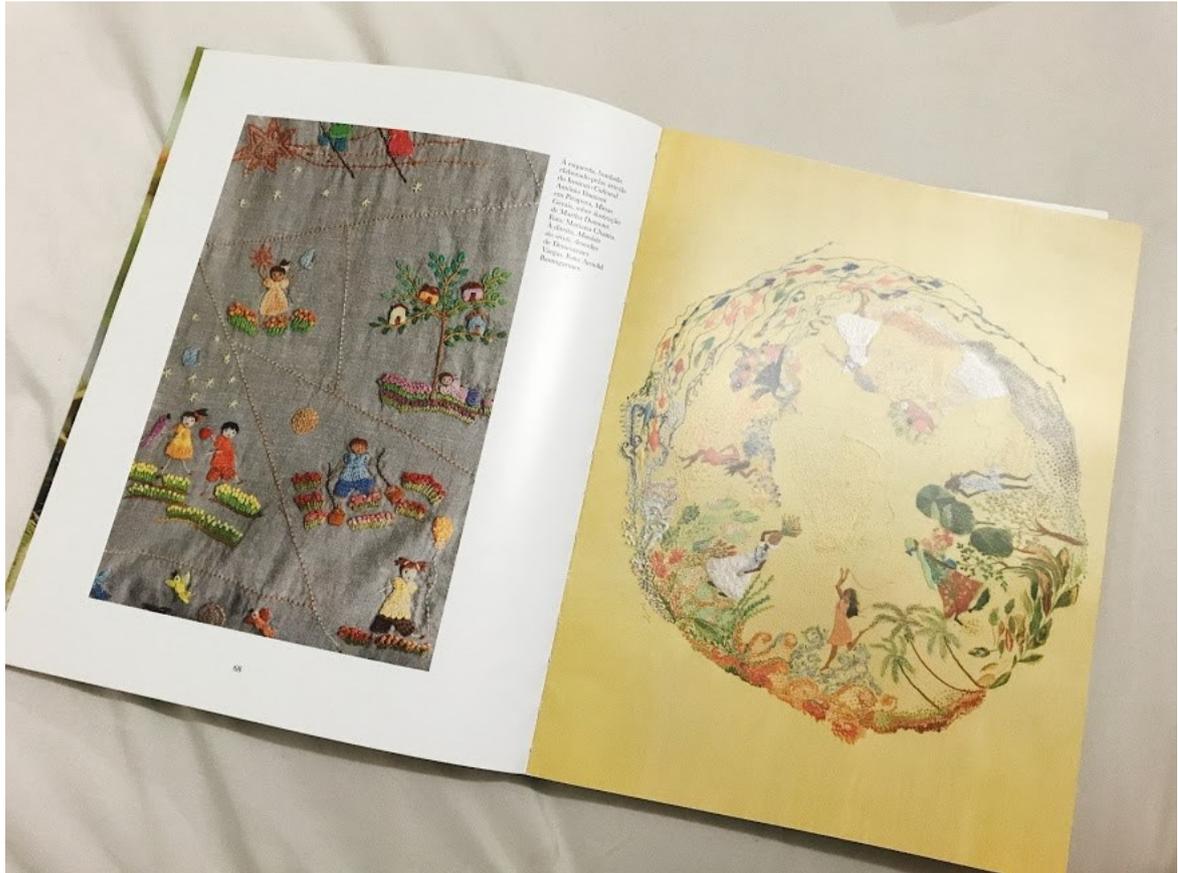
3.1.2.3 Design + Artesanato: o caminho brasileiro

Além de ser utilizado como referencial teórico para o projeto, o livro “Design + Artesanato: o caminho brasileiro” (2011), escrito pela jornalista e professora Adélia Borges, também foi escolhido como produto similar por abordar o artesanato brasileiro e também pela estética.

No livro, a escritora teoriza o termo “artesanato” de forma detalhada, fala da importância do artesanato brasileiro, explica como um objeto feito a mão pode carregar cultura e memória, e discorda que este tipo de trabalho seja algo que possa desaparecer nos próximos anos. Além disso, a jornalista também mostra diferentes ações relacionadas ao artesanato desenvolvidas no país.

O livro possui 240 páginas e mais de 100 fotografias de artesãos e trabalhos artesanais produzidos em diferentes locais do Brasil, como Alagoas, Pará, Distrito Federal e Ceará.





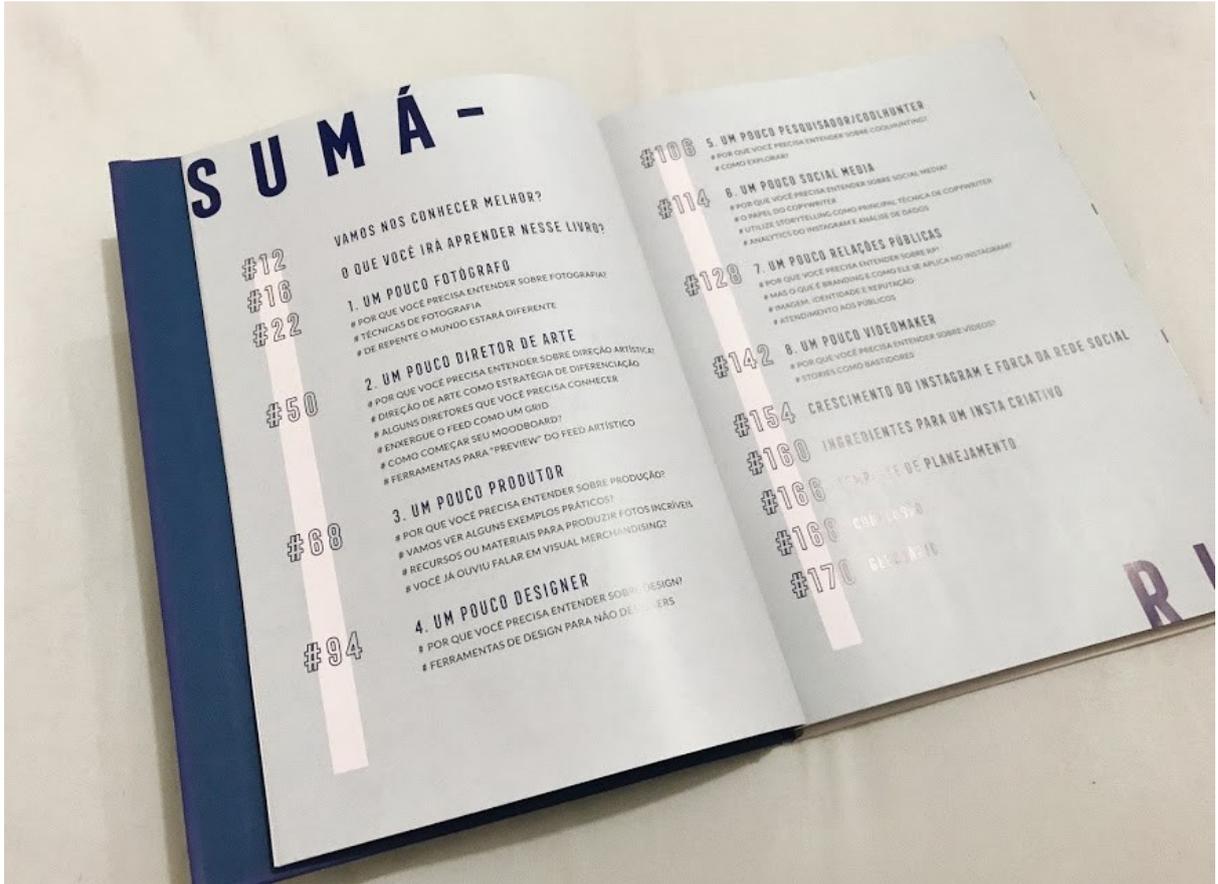
Fotos: Mariely Dalmônica (Fonte: arquivo pessoal)

3.1.2.4 Instagram Skills

Diferente dos outros produtos similares, o livro “Instagram Skills” (2018), escrito pelas empreendedoras e blogueiras Débora Alcântara, Bárbara Alcântara e Julia Alcântara, não aborda o tema artesanato e nem se encaixa no jornalismo literário. O livro se divide em capítulos que apresentam oito técnicas para utilizar no Instagram, e aborda temas como fotografia, design, branding e redes sociais.

O livro foi selecionado como similar estético, pela forma como foi diagramado e pelo design como um todo. Na diagramação do livro foram utilizadas quatro fontes diferentes que dialogam entre si. Assim como o “Instagram Skills”, o atual projeto tem o objetivo de sair do padrão usado na maioria dos livros-reportagem tradicionais, fazendo o uso de fotografias diversas e de uma diagramação mais moderna.





Fotos: Mariely Dalmônica (Fonte: arquivo pessoal)

3.2 O uso do Design Thinking no planejamento do produto

Para a etapa de planejamento do produto, ou seja, do livro com perfis de jovens artesãs de Uberlândia, foi utilizado o Design Thinking, metodologia usada para encontrar soluções criativas para produtos e processos. O termo Design Thinking foi criado em 1969 por Herbert Alexander Simon, mas só na década de 1990 os sócios da empresa Design IDEO, David M. Kelley e Tim Brown o trouxeram para a resolução de problemas práticos, possibilitando o uso da ferramenta dentro e fora do design.

A ferramenta foi trabalhada junto aos colegas na disciplina de Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologias, no primeiro semestre de 2019, e integrou a fase de planejamento de escrita e produção do livro.

Segundo Tim Brown (2010), o método propõe que as ideias sejam colocadas nas mãos de mais pessoas, para só depois aplicá-las. “O design thinking se baseia na capacidade de ser intuitivo, reconhecer padrões, desenvolver ideias que tenham um significado emocional além do funcional, nos expressar em mídia além de palavras ou símbolos” (BROWN, 2010, p.4).

De acordo com Brown (2010), três etapas metodológicas compõem o Design Thinking: inspiração, idealização e implementação. Junto a elas, seis estratégias também integram o método: observação, empatia, *brainstorming*, pensamento divergente e convergente, prototipagem e *storytelling*.

A primeira etapa da metodologia do Design Thinking é a inspiração, que pode vir acompanhada de algumas das estratégias para o desenvolvimento da inovação propostas por Brown, no caso da construção de um livro: observação, empatia e pensamento divergente e convergente.

Para Brown (2010), a observação é um aspecto importante porque inclui não só o público alvo do produto ou serviço oferecido pela empresa, mas também os usuários ávidos e aqueles que estão longe de ser o público alvo (BROWN, 2010). Já a empatia cria conexão entre os possíveis usuários do produto ou serviço. É a habilidade que tem a capacidade de identificar os comportamentos e necessidades que as pessoas não sabem que possuem (BROWN, 2010).

A estratégia do pensamento divergente e convergente pode estar ligada tanto ao processo de idealização quanto ao processo de inspiração, porque primeiro é preciso observar a situação e os usuários para então identificar e delimitar o problema a ser solucionado (BROWN, 2010).

Na segunda etapa, chamada de idealização, o método pode vir acompanhado de outra estratégia de desenvolvimento: o *brainstorming*. A dinâmica deve ser feita para selecionar as ideias mais fortes e mais promissoras. Nesta etapa, podem ser utilizados os *storyboards* – painéis que ilustram, quase como histórias em quadrinhos, a sequência de eventos que um usuário pode vivenciar. “Quando todos se reúnem para uma revisão de projeto, é necessário haver um processo para selecionar as ideias mais fortes e mais promissoras” (BROWN, 2010, p.77).

Nesta etapa, o uso de Post-its é essencial segundo Brown. “Enfeitando as paredes dos espaços de projeto, ajudaram incontáveis design thinkers primeiro a representar seus vários e amplos insights e depois a organizá-los em padrões reconhecíveis” (BROWN, 2010, p.76). Ainda de acordo com Brown (2010), os Post-its incorporam a transição da fase divergente, que constitui a fonte da nossa inspiração, à fase convergente, que representa o mapa para nossas soluções.

O escritor pode utilizar este quadro de ideias e os Post-its juntamente com sua equipe para discutir sobre o estilo de escrita, sobre a escolha dos personagens e histórias que vai contar ao longo das páginas, sobre como será feita a diagramação do livro, sobre o lançamento e outras diversas possibilidades que surgem durante o *brainstorming*.

A última etapa da metodologia, chamada de implementação, pode vir acompanhada de duas estratégias para o desenvolvimento da inovação: a prototipagem e o *storytelling*. A prototipagem, segundo Brown (2010), gera resultados com mais rapidez, pode acelerar um projeto e permite a exploração de muitas ideias paralelamente. “Os protótipos iniciais devem ser rápidos, rudimentares e baratos, para que o investidor não se apegue tanto à ideia inicial” (BROWN, 2010, p.86).

A estratégia de *storytelling* também está ligada a esta etapa, pois é neste momento em que o escritor constrói uma narrativa para chamar atenção, de forma positiva, do usuário. Neste caso, o escritor já está construindo uma história, e deve apenas escolher quais partes irão impactar de forma positiva seu futuro leitor. Segundo Brown (2010), uma narrativa bem construída tem um efeito positivo sobre o usuário ou cliente.

Durante a experimentação da metodologia em sala de aula, foram utilizados um quadro e Post-its de diferentes cores para expor as ideias que foram surgindo durante o *brainstorming*. Ao longo do debate, todos puderam tirar as ideias literalmente do papel e colocá-las no quadro para que, ao fim, os resultados fossem obtidos.

Inicialmente, foi feito um levantamento para debater qual linguagem seria utilizada na construção do livro e quais seriam os similares analisados para a produção do mesmo. Foi

decidido que a linguagem seria a literária e que o diferencial que o livro irá trazer para o mercado é o visual inovador e artesanal, com capas feitas à mão..

Durante o *brainstorming* foi decidido que cada um dos quatro capítulos, já pré-estabelecidos, contariam as histórias dos personagens com foco em uma curiosidade. Como por exemplo, um dos capítulos relata a história de uma artesã que deixou seu trabalho, considerado tradicional, para viver da arte. Após a discussão, foi identificado que o público-alvo consumidor do produto poderia ser dividido entre artesãos, leitores de perfis e quem se interesse em adquirir um livro artesanal justamente por seu valor enquanto objeto de arte.

Antes do exercício com o método do Design Thinking, algumas ideias, como a divisão de capítulos e a produção artesanal da capa do livro já haviam surgido; porém, durante o debate, elas se tornaram concretas.

A definição do público-alvo do produto, algo que não havia sido pensado antes do *brainstorming*, mostrou-se uma decisão extremamente útil para as próximas etapas do processo: de implementação e prototipação do produto.

Em 30 minutos de debate utilizando o método de Brown (2010), tópicos como a linguagem do livro e a viabilização do produto foram discutidas de forma rápida e em equipe, reunindo contribuições de profissionais de diferentes áreas, desde a comunicação até a área de tecnologia.

4 FEITO A MUITAS MÃOS: RELATO DA PRODUÇÃO DO LIVRO

Após as etapas que fizeram parte da pré-produção do livro – pesquisa bibliográfica, análise de similares e planejamento por meio do Design Thinking – iniciou-se a fase de produção da obra.

Ainda na fase pré-produção foi feita a escolha das pessoas que tiveram suas histórias contadas no livro. A seleção foi realizada por meio de conversas com artesãos, indicações e também com a ajuda das redes sociais. Depois disso, foi organizado o agendamento das entrevistas com os personagens escolhidos para compor os capítulos do livro.

O livro foi produzido a partir de entrevistas informais e com base em perguntas pautadas previamente, que não necessariamente delimitaram a conversa, mas sim, serviram como um norte durante o diálogo. Segundo Belo (2006), a pauta representa o começo do planejamento e precisa ser detalhada, porque “tende a influenciar decisivamente o andamento da reportagem” (BELO, 2006, p. 75).

As entrevistas realizadas tiveram o objetivo de apurar histórias, e pretendiam “identificar aspectos da personalidade do entrevistado” (GIL, 2014, p.111). Também foram feitas fotografias dos personagens, inseridas nas páginas do livro, e que posteriormente também serão utilizadas nas redes sociais para a divulgação do produto.

Após essa etapa, todas as entrevistas foram transcritas e cada perfilado foi apresentado em um capítulo distinto, de forma minuciosa, como sugere Belo (2006). Segundo o autor, ao escrever um livro é importante que os ambientes sejam reconstituídos, que os diálogos sejam reproduzidos com o máximo de exatidão e que as passagens de assunto não sejam abruptas (BELO, 2006, p. 122 e 123).

Depois dessa fase, se iniciaram as últimas etapas de construção do livro: edição e revisão, bem como a diagramação e a impressão.

De maneira sintética, as etapas cumpridas para a conclusão do produto final foram:

A primeira etapa, nomeada de **pré-produção**, realizada entre março e dezembro de 2019, contempla as seguintes ações:

- Pesquisa bibliográfica sobre jornalismo literário, livro-reportagem, perfil, jornalismo cultural, artesanato e Instagram;
- Levantamento e análise de projetos e produtos similares à proposta;
- Contato com as fontes e agendamento das entrevistas;

A segunda etapa, de **produção** do livro, realizada entre janeiro de 2020 e julho de 2021, reúne as seguintes atividades:

- Realização das entrevistas;
- Produção das fotos que ilustram o livro;
- Criação da identidade visual do livro;
- Transcrição das entrevistas e seleção das partes que foram usadas no livro;
- Redação dos capítulos que integram o livro;
- Escolha e edição das fotografias que fazem parte do livro;
- Produção da capa do livro, artesanalmente;
- Criação da identidade visual do livro;
- Revisão do livro;
- Diagramação do livro.

A terceira e última etapa, chamada de **pós-produção**, prevista para ser realizada a partir de setembro de 2021, após avaliação da banca de avaliação do trabalho, contempla a seguinte ação:

- Impressão do livro em formato especial.
- Produção de um vídeo (*book trailer*) para divulgação do produto.

Seguindo o propósito de entregar um objeto único e artesanal, o livro impresso possui capa em tecido de algodão cru bordada à mão e é encadernado manualmente. Diferente da maioria dos livros encontrados no mercado, o produto final tem um formato quadrado (20cm x 20cm), fácil de ser manuseado.

As tipologias definidas para o texto foram a Chaparral Pro e a Parkside, uma serifada e outra caligráfica. Na edição do livro, a fonte caligráfica foi usada nos títulos e nas aspas das entrevistadas para trazer a sensação de algo manuscrito e feito à mão.

A paleta de cores escolhida foi com tons terrosos (alaranjados, avermelhados e marrons). As cores deram uma aparência mais “retrô” para o produto, principalmente nas páginas onde foram utilizadas imagens. Cada capítulo contou com um tom diferente, dando ainda mais identidade para cada história.

O livro foi impresso em offset branco de 90 gramas e encadernado artesanalmente.

O livro intitulado “Feito à mão” está dividido em quatro capítulos, além da Apresentação:

1. O primeiro capítulo conta a história da bordadeira Lorena Tavares, que trabalha como designer e se dedica ao bordado livre. Lorena aprendeu a bordar a partir de vídeos que assistiu na internet, e além de tirar parte de sua renda dos bordados que vende, também oferece cursos para quem deseja aprender técnicas sobre o bordado moderno.
2. O segundo capítulo foi dedicado às duas irmãs gêmeas idênticas, Reyla e Suellen Vilela, que trabalham com papelaria manual desde que entraram na faculdade de Artes Visuais. Além de serem professoras, as irmãs compartilham o gosto pelo trabalho artesanal.
3. Carolina Clementino é a personagem do terceiro capítulo. Ela trabalha vendendo produtos como pulseiras, bolsas, carteiras e colares, tudo feito à mão. Carolina expõe seus artesanatos em diferentes lugares pela cidade, como praças, feiras e a universidade. Conhecida por muitos como “hippie”, a artesã já viajou por diferentes cidades do país desde que começou a viver de artesanato.
2. O quarto capítulo do livro conta a história da artesã Amanda Fonseca, que trabalha pintando mandalas em telas, função que aprendeu praticamente sozinha há cerca de seis anos. Amanda vive de arte, porque além de ser artista plástica também é tatuadora.

4.1 Análise do produto e do processo

Durante o processo de produção do livro, diversas técnicas jornalistas foram utilizadas, a maioria delas estudadas durante a graduação em Jornalismo, e praticadas no tempo em que trabalhei como repórter. As entrevistas foram feitas por meio de mensagens e áudios trocados por WhatsApp, por ligação de vídeo e concluídas presencialmente durante os encontros para as fotografias. Os encontros para fotografias só foram realizados em 2021, seguindo todas as normas estipuladas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para evitar o contágio de Covid-19.

Desde o início da produção do livro, que aconteceu durante um ano e meio, de fevereiro de 2020 a julho de 2021, algumas mudanças aconteceram. Mas a pandemia, de longe, foi o que mais impactou a realização das entrevistas para a construção dos perfis.

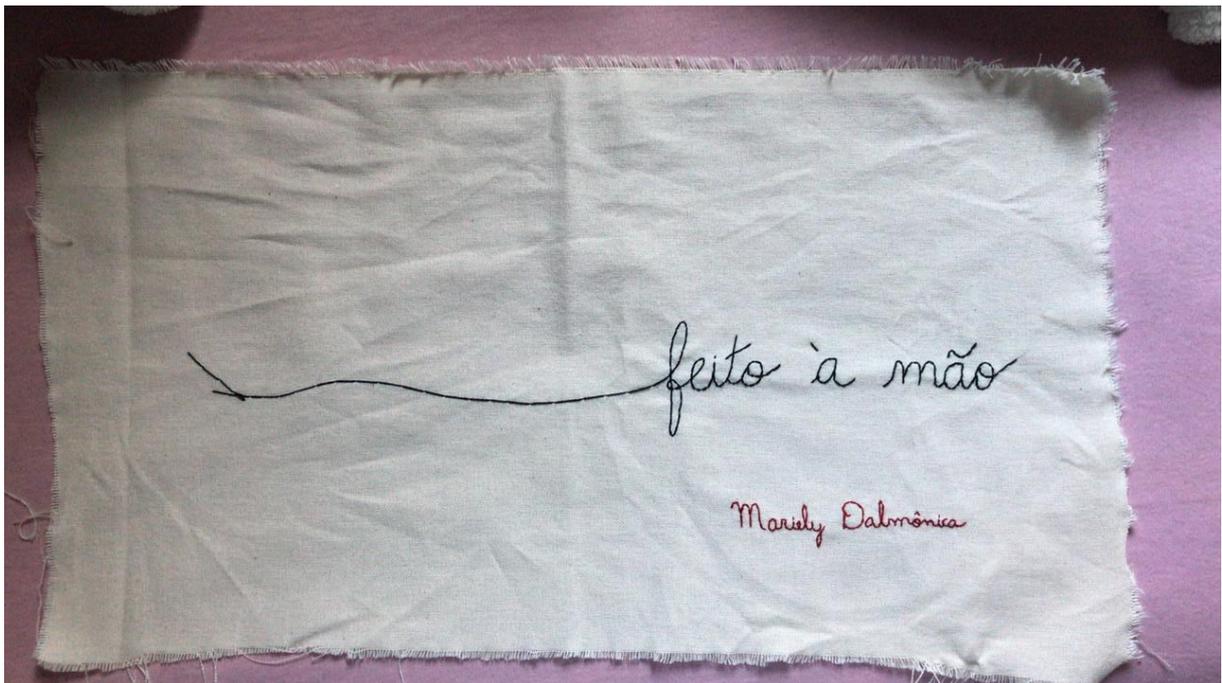
Outra mudança foi a retirada de um capítulo que havia sido planejado. Inicialmente, o projeto contemplaria cinco capítulos. Um deles era sobre Guilherme, um artesão que trabalha com crochê. Mas, infelizmente, dias antes da entrevista final e realização de fotos, o

profissional não retornou mais as minhas mensagens, o que deu a entender que ele havia desistido de participar do projeto.

A redação do livro foi realizada entre as entrevistas e fotografias, e posso afirmar que os capítulos só foram concluídos devido à minha bagagem de mercado. Além de trabalhar todos os dias com redação, o que ajuda no processo de escrita do livro, tive a ajuda da minha orientadora e também realizei, em 2020, um curso online sobre escrita criativa e afetuosa ministrado pela jornalista Ana Holanda, autora de dois livros e editora da revista Vida Simples.

Para a revisão do livro contei com o suporte da minha orientadora, da minha mãe, que é professora de literatura, e de uma amiga jornalista e escritora.

A identidade visual da capa foi criada em conjunto com a minha mãe. A tipografia foi feita à mão por ela, que me apoiou durante todo o mestrado, e bordada à mão por mim.



Fotos: Mariely Dalmônica (Fonte: arquivo pessoal)

A identidade visual e a diagramação do livro foram realizadas em conjunto com as gêmeas Reyla e Suellen Vilela, criadoras da marca Belbellitas e personagens do livro. O processo de criação resulta de muita atenção e cuidado e aconteceu simultaneamente enquanto o texto do livro era escrito e revisado. A impressão e a encadernação também serão feitas pelas irmãs, de forma artesanal.

Enquanto jornalista e artesã posso dizer que este trabalho é um dos mais importantes da minha vida até o presente momento. O sonho de escrever um livro e dar voz a pessoas que trabalham com artesanato foi enfim concretizado, com a ajuda de muitos profissionais, amigos, da minha família e da minha orientadora. No fim, o livro **Feito à mão** foi feito com a ajuda de muitas mãos que encontrei ao longo da vida.

4.2 Exequibilidade e aplicabilidade

Inicialmente, apenas uma unidade do livro impresso foi produzida. Após a banca de defesa, outras unidades serão impressas e encadernadas manualmente para a distribuição e venda.

Após vender algumas unidades impressas, o livro também será disponibilizado em formato *e-book*. A divulgação da obra será feita por meio do Instagram, mídia social onde o público poderá demonstrar interesse em ler o produto e deixar *feedbacks* sobre o projeto.

O orçamento do presente trabalho engloba serviços e equipamentos que são necessários para o desenvolvimento do livro. É importante ressaltar que todos os gastos serão arcados pela pesquisadora.

4.3 Recursos utilizados

Para a execução do livro sobre os jovens artesãos em Uberlândia serão utilizados diferentes recursos, são eles: material humano, material de consumo e material de custeio. Para cada um serão necessários os seguintes materiais:

- Material humano: jornalista (redator e revisor), diagramador e designer.
- Material de consumo: carro, combustível, alimentação, canetas, bloco de anotações, e internet 4G.
- Material de custeio: notebook, câmera fotográfica analógica, fone de ouvido, celular, software para edição de fotografia, software de edição gráfica, software para diagramação das páginas e serviço de impressão da obra.

4.4 Demandas mercadológicas

Durante a pesquisa, percebeu-se que não existem tantos livros sobre artesanato no mercado, principalmente que se encaixem no gênero perfil. A maioria das obras sobre o

assunto relata o artesanato brasileiro como um todo e não foca nos profissionais da área. Com a ausência de produtos sobre o assunto ou com o formato proposto, mostra-se viável a construção de um livro que conte histórias sobre jovens artesãos residentes em Uberlândia (MG), já que identifica-se uma demanda, não só local, mas também nacional, para esse tipo de obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro “Feito à mão” traz contribuições tanto para a sociedade quanto para o jornalismo. Seguindo o jornalismo literário, o objetivo é que o livro funcione como um mergulho na vida de cada um dos jovens artesãos residentes em Uberlândia (MG) e narre, com detalhes, suas trajetórias e até mesmo os produtos artesanais produzidos por eles.

A ideia foi mostrar, em cada capítulo, como o produto artesanal está ligado ao artesão que o faz, e como todo o processo de produção é importante para o resultado final. Esses trabalhos carregam memória, afeto e história, e são peças únicas, cada uma com a sua singularidade, assim como o profissional que os produz.

Um dos propósitos do livro é que o produto atinja diferentes públicos. Um deles são os artesãos, que se sentirão representados pelos personagens, independentemente da idade e do trabalho que exercem. Outro público pode ser representado pelos curiosos e interessados no assunto, alguns deles, provavelmente, ainda acreditam que o artesanato é apenas uma forma de passar o tempo ou uma profissão praticada por pessoas mais velhas.

A cidade de Uberlândia também terá um ganho quando a obra for publicada, pois o livro servirá como um registro cultural e preservará a história do artesanato local, tema pouco abordado pela grande mídia no município e região.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Bárbara; ALCÂNTARA, Débora; ALCÂNTARA, Julia. Instagram Skills. Curitiba: Editora Graciosa, 2018.
- BARROS, Susane; ROSA, Flávia, 2019. O lugar do livro no contexto da cibercultura. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (org.). O livro na cibercultura. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2019, p. 123-144.
- BARROSO, Eduardo Neto. Curso design, identidade cultural e artesanato. Módulos 1 e 2. Fortaleza: SEBRAE / FIEC, 2002.
- BELO, Eduardo. Livro-reportagem. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: O caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- BRAMBILLA, Ana (org.). Para entender as mídias sociais. Edição da organizadora, 2011.
- BRASILEIRO diz que juventude acaba aos 37 e velhice começa aos 64. Folha. São Paulo, 26 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938234-brasileiro-diz-que-juventude-acaba-aos-37-e-velhice-comeca-aos-64.shtml>> Acesso em 02 jun. 2020.
- BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. ECO, Humberto. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CONTREIRAS, Julia. **Improvisação gráfica: processos criativos de livros artesanais** por Aloísio Magalhães e Flávio Vignoli. Natal, 2017. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east.amazonaws.com/designproceedings/cidi2017/079.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2020
<https://doi.org/10.5151/cidi2017-079>
- CÓRDULA, Raul. Afinal, que é artesanato? Revista Segunda Pessoa. João Pessoa, edição 1, p. 9-13, jun. jul. e ago. de 2013. Disponível em: <<http://segundapessoa.com.br/edicoes/1/1.pdf#page=9>> Acesso em: 17 nov. 2019.
- CUNHA, Joyce Cleide Lopes da. **Central de artesanato Branco e Silva: Contribuindo para fomentar o artesanato no Amazonas**. Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1823-1.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2019.
- FERREIRA, Ana Cláudia Maciel. **Livro Híbrido: A sua abordagem com o leitor**. Portugal, 2017. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/22517>> Acesso em 14 jan. 2021.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2014.

HOLANDA, Ana. **Como se Encontrar na Escrita**: o caminho para despertar a escrita afetuosa em você. 1ª ed. São Paulo: Editora Bicicleta Amarela, 2018.

HOLANDA, Ana. Escrita Criativa e Afetuosa. Curso Online. 2019. Disponível em: <hotmart.com> Acesso em 15 jan. 2021.

INVERTIDO, Estúdio, 2020. Disponível em: <https://estudioinvertido.com.br/> Acesso em 14 jan. 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

LIVRO Sanfona Rosa Rendeira. Behance. Fortaleza, 2 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/51052351/Livro-Objeto-Rosa-Rendeira> Acesso em 04 mai. 2020.

MACHADO, Juliana Porto; COLVERO, Ronaldo Bernadino. **Artesão ou guasqueiro**: Uma discussão sobre identidade e Memória. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 3, ed. especial, 2017, p. 129-141. Disponível em: <http://periodicos.clacc.org/index.php/relacult/article/view/422> Acesso em: 26 out. 2018.
<https://doi.org/10.23899/relacult.v3i2.422>

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário**: a realidade de forma autoral e humanizada. Periódico Estudos em Jornalismo e Mídia. São Paulo, edição 1, p. 71-83, jan. jun. de 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418> Acesso em: 17 nov. 2019.
<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p71>

MASCÊNE, Durcelice Cândida. TEDESCHI, Maurício. **Termo de referência**: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato. Brasília: SEBRAE, 2010. Disponível em: <http://intranet.df.sebrae.com.br/download/uam/Pesquisa/Artesanato/Termo%20de%20Referencia%20Artesanato%202010.pdf> Acesso em: 24 out. 2018.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista, o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente - narrativa e cotidiano. 2ª edição. São Paulo: Summus, 2003.

MICHAELIS. Artesanato. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=artesanato> : Acesso em 14 mai. 2020.

NASCIMENTO, Samuel Macêdo do; VIEIRA, Leylianne Alves. **Mulheres da Palha**: documento de uma vida no artesanato. Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2191-1.pdf> Acesso em: 17 nov. 2019.

PENNA, Felipe. Jornalismo Literário. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Carlos José Costa. **Artesanato**: Definições e evolução. Ação do MTB – PNDA, Brasília: Ministério do Trabalho e Secretaria Geral, 1979.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem**: origens, conceitos e aplicações. Trabalho apresentado ao 14º Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Paulo, 2009.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

POR TRÁS do mercado digital no Brasil. **Publishnews**. São Paulo, 3 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2020/02/03/por-tras-do-mercado-digital-no-brasil>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

SANTANA, Raicilane. **Feira de livro artesanal e de artista**: Proposta de produção cultural na cena literária em Jaguarão-RS. Jaguarão, 2017. Disponível em: <<http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/2391/1/RaicilaneBarbosadeJesusSantana2017.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2020

SCHMIDT, Cristina. **Artesanato**: mídia popular e o lembrar comunitário. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional. São Paulo, edição 15, p. 121-128, jan. e dez. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/4735/4021>> Acesso em: 17 nov. 2019.
<https://doi.org/10.15603/2176-0934/aum.v15n15p121-128>

SILVA, Tarcizio; STABILE, Max. Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0283-1.pdf>> Acesso em: 07 mai. 2020.

SOCIAL Media users pass the 4 billion mark as global adoption soars. We Are Social. Milão, Itália, 20 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2020/10/social-media-users-pass-the-4-billion-mark-as-global-adoption-soars>> Acesso em 28 jul. 2021.

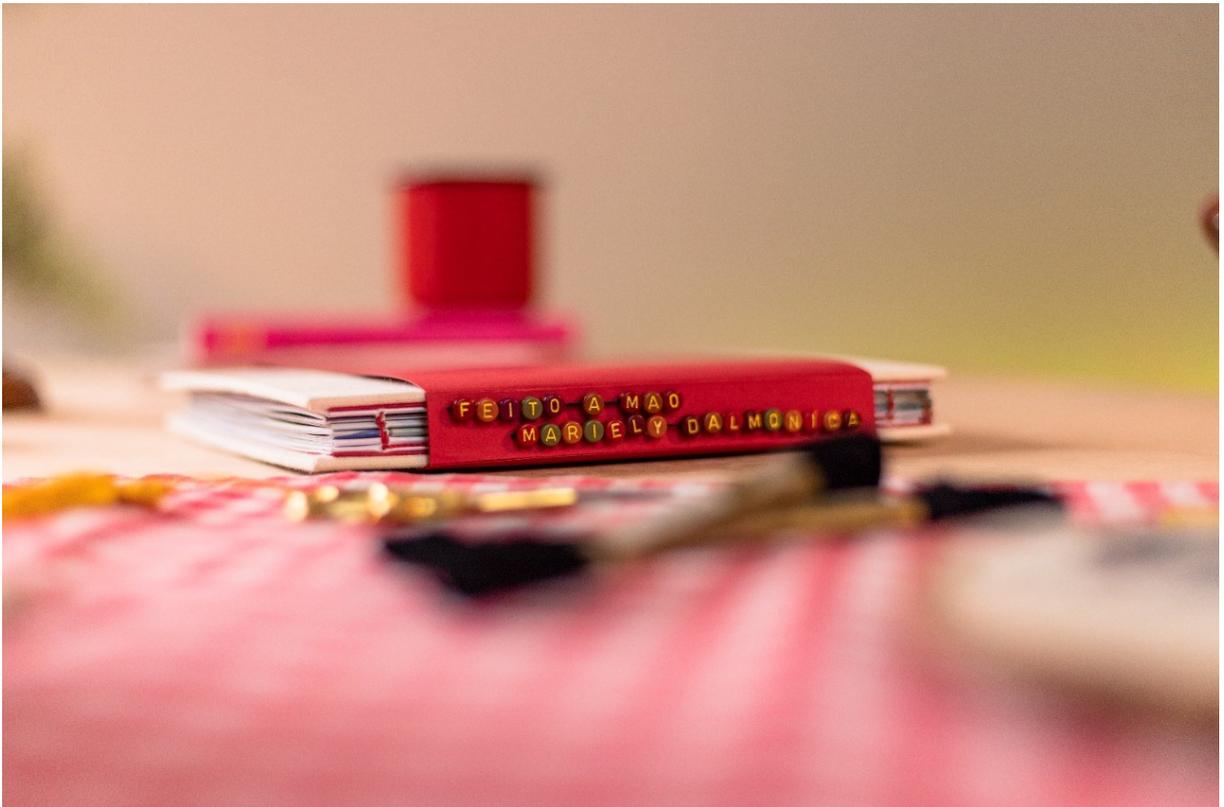
SOUZA, Cristiane; LUÍNDIA, Luiza. **Convergência entre Jornalismo Cultural e Jornalismo Literário**: Livro-reportagem como Proposta Experimental. Manaus, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0283-1.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2020.

VARELLA, Drauzio. *Prisioneiras*. 1ª ed. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2017.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

ZANELATO, Débora. Compre de quem faz. *Vida Simples*. São Paulo, edição 207, p. 38-43, maio de 2019.

APÊNDICE A – Imagens do livro "Feito à mão"









Fotos: Guilherme Paim